

## AS POSSIBILIDADES DA REPRESENTAÇÃO?

*Emiliano Dantas<sup>1</sup>*

### **Resumo**

O trabalho proposto neste texto é um questionamento, a partir da visão de um fotógrafo, sobre como a identidade do homem nordestino é representada pelo Museu da Gente Sergipana. Para isto, manter-se-á um diálogo com a Antropologia, que auxiliará a refletir sobre o modo como a produção fotográfica está servindo a uma ideologia estereotipada da imagem do homem nordestino em locais públicos.

**Palavras-chave:** Fotografia; Antropologia, Representação; Identidade; Museu.

### **Abstract**

The work proposed in this paper is an inquiry, from the perspective of a photographer, about how the man's identity is represented by the Northeastern People's Museum Sergipe. For this, it will maintain a dialogue with anthropology, which help to reflect on how the photographic production is serving an ideology stereotyped image of the north-eastern man in public places.

**Keywords:** Photography, Anthropology, Representation, Identity, Museum.

### **1. Introdução**

O que entendemos por representação? Esse é um conceito que vem criando uma série de polêmicas nas ciências sociais e áreas afins, mais que sem dúvida é um conceito ou categoria fundamental para a fotografia que se utiliza de uma imagem congelada para se comunicar. O fotógrafo está o tempo todo, segundo Villem Flusser (1998) se movimentando como um caçador a espreita de uma imagem, tentando, por meio da sua agilidade, criar uma cena que sintetize um instante, ou melhor, o fotógrafo quer aprisionar algo que é efêmero. Ele quer sintetizar com uma representação visual, e é esse o ponto fundamental para a discussão – Quais as possibilidades e caminhos que podemos tomar para representar o “outro”. O diálogo com a Antropologia se instaura a partir da constatação de que ambas as disciplinas idam com a observação: assim como o fotógrafo, o antropólogo vive do olho, ele observa o mundo para representa-lo.

De acordo com Kossoy (2000), fotografias estão impregnadas de ideologias. Assim, vale perguntar: como estas ideologias através das imagens podem

---

1 Emiliano Ferreira Dantas é mestrando em Antropologia pelo PPGA/UFPE, formado em fotografia pela Faculdades Integradas Barros Melo-AESO. emilianodantas@yahoo.com.br

manipular a opinião pública? Como uma narrativa<sup>(2)</sup> visual<sup>(3)</sup> pode contribuir com a manipulação massiva através de um espaço público? Estas são perguntas a serem refletidas, mas não respondidas de uma forma determinista e conclusiva. A partir dessa tensão criada com a imagem, pode-se tentar encontrar qual a identidade do homem do nordeste, para até mesmo saber se existe uma identidade ou se ela é múltipla.

O texto trabalhará com teorias que não são sistemas fechados, até mesmo porque fazer isso iria contra a própria natureza verdadeiramente teórica (GOLDMAN, 2006). Se até mesmo as ciências duras encaram as teorias de forma aberta e flexível – não cabe nesse trabalho uma visão arrogante ou essencialista sobre qualquer teoria ou representação de qualquer grupo social.

## **2. Uma viagem a trabalho para sergipe ou fragmentos de um diário de campo.**

Durante o mês de fevereiro de 2012 fui fazer um trabalho de documentação fotográfica em Aracaju, sobre os manguezais urbanos daquela cidade – trabalho encomendado pela Fundação Joaquim Nabuco-FUNDAJ. Lá encontrei uma pesquisadora sergipana que se tornou minha amiga, Fernanda Cordeiro, que escreveu um livro chamado “A história da devastação dos manguezais aracajuanos” (2008) pela editora Massangana. Durante três dias conheci os manguezais urbanos de Aracaju e pude constatar que a cidade vem crescendo muito, a construção civil tem avançado para todos os lados, inclusive para cima das vegetações nativas, como o caso do meu objeto de pesquisa.

Uma informação importante é que esse trabalho também foi realizado em Recife e Maceió, capitais que também seguiram a tendência de crescimento mobiliário e devastação ambiental. O Nordeste como um todo vem crescendo nos seus centros urbanos e nos interiores, o que tem acarretado essa agressão ao meio

Durante o mês de fevereiro de 2012 fui fazer um trabalho de documentação fotográfica em Aracaju, sobre os manguezais urbanos daquela cidade – trabalho encomendado pela Fundação Joaquim Nabuco-FUNDAJ. Lá encontrei uma pesquisadora sergipana que se tornou minha amiga, Fernanda Cordeiro, que escreveu um livro chamado “A história da devastação dos manguezais aracajuanos” (2008) pela editora Massangana. Durante três dias conheci os manguezais urbanos de Aracaju e pude constatar que a cidade vem crescendo muito, a construção civil

---

2 que se relata um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos, reais ou imaginários, com intervenção de uma ou mais personagens num espaço e num tempo determinados.

3 O texto etnográfico é baseado em uma narrativa, o mesmo vale para um conjunto de imagens.

tem avançado para todos os lados, inclusive para cima das vegetações nativas, como o caso do meu objeto de pesquisa.

Uma informação importante é que esse trabalho também foi realizado em Recife e Maceió, capitais que também seguiram a tendência de crescimento mobiliário e devastação ambiental. O Nordeste como um todo vem crescendo nos seus centros urbanos e nos interiores, o que tem acarretado essa agressão ao meio ambiente, principalmente pela falta de um planejamento de crescimento ordenado e sustentável. Após situamos Aracaju no panorama de uma região que não para de crescer, tanto social quanto economicamente, vamos voltar para o foco da presente discussão, que é a representação.

Fernanda e seu padrasto me convidaram no final do segundo dia de trabalho para conhecer o Museu da Gente Sergipana. Este foi inaugurado no dia 26 de novembro de 2011, pelo então governador Marcelo Déda. Um espaço institucional do governo do estado de Sergipe que quando foi inaugurado, o então governador proferiu as seguintes palavras(4):

“É um museu para elevar a autoestima do povo sergipano, para que nós possamos ter orgulho da nossa terra e do nosso povo, para que possamos perceber a grandeza da contribuição que o menor estado do Brasil ofereceu a nação brasileira. Aqui, nós teremos contato com a cultura mais erudita de Tobias Barreto, da historiadora Maria Thetis Nunes, teremos a luta do nosso povo, folclore, a literatura de cordel, a culinária, tudo o que representa ser sergipano, para que quem venha de fora conheça melhor a alma da nossa gente e para nós sergipanos sairmos daqui orgulhosos de termos nascido nesse pequeno, mas belíssimo pedaço do Brasil.”

Quando entrei no Museu, fiquei logo contrariado pelo fato de não poder entrar sem o interlocutor, não me anima a visita guiada, prefiro a experiência estética sem intermédios, penso que o conceito vem com a imagem, cabe a mim interpretá-lo, afinal de contas, o meu repertório vai ser confrontado com as imagens do Museu e é nesse momento que ocorre uma transposição de realidades, com o contato visual (KOSSOY, 2000). Então esperei o interlocutor do Museu e fiz todo o percurso do mesmo, conhecendo as suas salas e observando atentamente a expografia, que é feita com os mais sofisticados recursos tecnológicos. Tentei ao máximo me liberar do monitor do grupo e de meus amigos, estava em choque, comecei a perceber que existia naquele lugar um conceito e uma ideia que confrontava com algumas questões que me incomodavam.

---

4. [http://www.agencia.se.gov.br/noticias/leitura/materia:26260/governador\\_inaugura\\_o\\_mu\\_seu\\_da\\_gente\\_sergipana.html](http://www.agencia.se.gov.br/noticias/leitura/materia:26260/governador_inaugura_o_mu_seu_da_gente_sergipana.html)

Terminei o percurso do Museu e encontrei meus amigos para um café no aconchegante restaurante, anexo ao Museu. Lá descobri que o espaço estava aberto para exposições fotográficas temporárias, inclusive havia um trabalho exposto de um sergipano que aplicava filtros com efeitos de desenhos nas imagens e imprimia em papel canvas, de forma que pareciam quadros pintados. O tema eram cenas de festas populares do estado de Sergipe, muitos eram retratos que mostravam fantasia excessivamente coloridas pela introdução dos filtros, um trabalho com ênfase no folclore e na paisagem. Então, vimos as fotos e comentamos o Museu e sua impressionante estrutura física. Naquele momento era difícil ter um posicionamento crítico sobre a experiência vivida há tão poucos instantes.

Mas, não demorou muito e quando fui deixar Fernanda e seu padrasto em casa, começamos a questionar que gente sergipana era aquela representada naquele espaço, principalmente pelas imagens fotográficas e os vídeos exibidos no Museu. O enredo era o de um Museu do folclore, o sergipano estava lá unicamente representado de forma residual<sup>(5)</sup> o que pode criar um estereótipo, já que apreende a visão do sergipano a um único espaço e tempo, então nos perguntamos será que é essa a representação que sintetiza o homem nordestino?

### **3. Antropologia, fotografia e museu na construção da identidade do homem sergipano.**

Segundo Achutti (2004), quando estudamos o “outro<sup>(6)</sup>” estamos estudando, de certa forma, a nós mesmos. Neste sentido, há muito que a Antropologia é um exercício de autorreflexão. O nascimento da Antropologia acontece em algumas escolas, como a francesa por exemplo, dentro dos museus, e essa ciência surge concomitantemente com a fotografia. Podemos pensar que as três áreas – Antropologia, Fotografia e Museologia – mantêm inerentes a seus objetivos, o trabalho com a representação, e partindo desse conceito, vão expressar suas ideologias para o grande público.

O “outro” representado no Museu da Gente Sergipana é um sujeito estático que é personificado pelo vaqueiro, beato, cangaceiro, mulher bordadeira e demais estereótipos massificados pela mídia. Inclusive, como exemplo recente, podemos

---

5 No texto o termo resíduo não deve ser entendido como “ficar atrás, sobra”. Abandonaremos o significado pejorativo da palavra para adotarmos o sentido de algo que já existe, que reside e pertence como agente formador da cultura e que não é fixo.

6 O significado da palavra Outro neste texto procura se desvencilhar de características hierarquizantes e etnocêntricas, ver Achutti (2004).

mencionar a regravação da Rede Globo da novela Gabriela, que vem, de certa forma, reafirmar esse conceito de nordeste residual.

Quando abrimos o site do Museu, na página inicial está escrito que “gente sergipana é um espaço cultural voltado à interpretação da nossa identidade”. Então, vamos tentar pensar em um conceito de cultura que trabalhe com a ideia de interpretação. Como estamos refletindo tendo a Antropologia como aliada, invocaremos Clifford Geertz (2008):

“Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura dos significados.” (GEERTZ, 2008)

Para que, com seu conceito de cultura possamos tensionar o posicionamento do Museu, pensando na identidade como algo em formação, tendo em vista que, nas discussões mais recentes, ela perdeu o sentido estático e ganhou uma dimensão plural e dinâmica, como problematiza Stuart Hall (2000).

“Estamos observando, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. O conceito tem sido submetido ao mesmo tempo, a uma severa crítica. Como se pode explicar esse paradoxal fenômeno? Onde nos situamos relativamente ao conceito de “identidade”? Está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada.” (HALL, 2000, p. 103).

Afinal de contas, qual é a cultura que o Museu defende como sendo a da gente sergipana? Uma gente que tem uma identidade estática, paralisada no espaço e no tempo, que não é o da minha amiga de Sergipe, a pesquisadora Fernanda Cordeiro? Ela é uma mulher jovem estudante de doutorado em História, que se enquadra em uma realidade brasileira preocupada com a capacitação educacional/profissional, a produção científica e o desenvolvimento com responsabilidade ambiental.

O processo de qualificação social pela ótica das identidades invoca “uma origem que residiria em um passado histórico” (HALL, 2000, p. 109). O passado residual(7) e folclorizado(8) cria uma relação histórica com o crescimento social e

político atual e, de certa forma, continua a manter uma correspondência entre si. Hall (2000) comenta essa influência do passado no presente como agentes formadores de nossa identidade, que influenciam na forma como “somos representados e como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós mesmos” (HALL, 2000, p. 109). O autor mostra que, o que está sendo considerado como residual é um dos componentes para formação da identidade, o Museu quando mostra apenas o passado residual ele afeta a representação criando o estereótipo social.

Nesta perspectiva, o museu é um espaço público que através de um recorte vai contar uma história sobre uma determinada sociedade. Sabe-se também que o que vai para o lá deve ser guardado e preservado. Mas, se pesquisarmos sobre o Museu da Gente Sergipana na construção de uma identidade do homem sergipano, ou mesmo como um intérprete da sua cultura, vamos nos deparar com a insatisfação daqueles que se propõem a refletir aprofundando uma discussão que enxerga além das primeiras impressões, como é o caso do professor Francisco José Alves, que é do departamento de História da Universidade Federal de Sergipe e se colocou publicamente, através do seu blog(9), e lançou algumas inquietações como essa:

“De fato, o povo, no Museu da Gente Sergipana, fica muito restrito ao “folclore” enquanto a ênfase recai sobre personalidades da elite. Em princípio, nada contra um museu de figurões históricos como é o caso, por exemplo, do Palácio Museu Olímpio Campos e que centra o seu material nos governantes republicanos de Sergipe. O que incomoda é a flagrante contradição entre o rótulo e o conteúdo, o prometido e o feito. O rótulo do Museu é popular, já o seu conteúdo paga alto tributo ao personalismo elitista.”

Realmente é incomodo o equívoco conceitual da atual exposição permanente do Museu. Compartilho o sentimento do professor Francisco José Alves e lanço algumas questões pela ótica da fotografia que deve ser entendida a partir da comunicação que está expressa no local e não como mera ilustração. O poder de convencimento da imagem é contundente na nossa sociedade, ela desempenha um papel que serve para convencer as pessoas. E o que surpreende é a forma como a imagem desempenha esse papel.

---

8 Formando uma configuração na qual o folclore não desempenhe mais papel menor pois a de hoje se concebe, fundamentalmente, microscópica e ela própria artesanal” (Peirano, op. Cit.:87) .O que podemos considerar como uma valorização de um saber popular sem distinções, que faz parte da cultura como um todo.

9 <http://www.primeiramao.blog.br/post.aspx?id=3140&t=francisco-jose-alves-escreve---o-museu-da-gente-sergipana>

Claudia Fonseca et al (1998) fala sobre o desafio de fazer um vídeo etnográfico sobre uma pesquisa que desenvolvera durante dez anos com crianças e que no decorrer desse período havia escrito vários artigos. Ela vai falar o seguinte: fazer imagens confere uma autoridade etnográfica baseada no está lá, o que potencializa o poder de convencimento – é como se a imagem tivesse um algo a mais, um poder de comunicação que a escrita e a fala não possuem.

Esse caso foi específico para um vídeo, mas não é diferente para a fotografia, que também carrega uma credibilidade que pode ser atribuída ao fato de que seu surgimento (10) aconteceu durante a revolução industrial, período em que o positivismo europeu estava em alta. A foto era concebida em uma máquina, o que incrementava a possibilidade de uma “representação fiel do homem”. A câmera fotográfica seria uma condição para a superação dos limites humanos, pois o homem com sua mão não poderia reproduzir com fidelidade (ROUILLÉ, 2009).

É importante continuar a reflexão sobre história da fotografia para entender como o Museu da Gente Sergipana pode estar agindo na formação da identidade do sergipano. Retornando ao século XIX, podemos observar o momento em que a Antropologia e as demais ciências sociais utilizam e marcam profundamente o surgimento da fotografia, associando-a a um espaço e tempo que impregna a credibilidade das ciências (TAGG, 1998). Esse contexto histórico ajudou a formar o senso comum que por muito digere as informações visuais como sendo legítimas e verdadeiras.

Ao passo que a Antropologia mudou e o “outro” não é mais visto como um ser exótico que merecesse ser analisado, “ele é o que eu sou parcial e incompletamente (e vise versa, é claro)”(GOLDMAN, 2006 p. 31), a fotografia também começa a admitir um outro ponto de vista, mais crítico, que coloca sua natureza em questão e provoca uma leitura interpretativa. “Assim como os demais documentos elas são plenas de ambiguidades, portadores de significados não explícitos e de omissões pensadas...” (KOSSOY, 2000, p.22).

As questões levantadas aqui nesse trabalho vão nos ajudar a pensar se a identidade do homem sergipano está representada atualmente no Museu da Gente Sergipana. Será que a fotografia, com todos os seus paradigmas, usada para mostrar uma cultura residual através de recursos tecnológicos, como data-shows e projetores, representa o sergipano enquanto homem contemporâneo? Acredito que, como fotógrafo, o conjunto narrativo imagético que compõe o acervo permanente

---

10 O surgimento da fotografia ocorre na primeira metade do século XIX, em mais de um local. Existem fontes que afirmam que ocorreu no Brasil, na Inglaterra e França. Mais recorrentemente temos a atribuição da descoberta da fotografia na França, porque esta registrou a patente e liberou a sua produção.

confirma uma teoria de cultura imposta, e que, para se legitimar, usa do paradigma positivista que é associado a imagem.

Os vídeos e demais recursos multimídias nesse mesmo espaço não fogem do conceito da exposição, ou melhor, estes só fazem amplificar a ideia de imagem como peça de convicção, que ora estereotipam, ora estigmatizam a identidade do sergipano a um único período, ou a uma única expressão. Desta forma, o museu(11,) que é um espaço de educação e formação, implanta uma ideologia que não busca entender o “outro”, mas sim legitimar suas hipóteses, seus pré-conceitos.

#### **4. A representação**

Chegamos a um ponto nodal desse trabalho, pois de agora em diante teremos um conceito fluido e de difícil aplicação, mas fundamental para fotografia, Antropologia e Museologia. Vamos iniciar a problematização pela ótica da fotografia. A ideia consiste em pensar que para a representação ser feita ela deve obedecer a dois momentos: o primeiro seria a primeira realidade e o segundo seria a segunda realidade (KOSSOY, 2000). No primeiro momento, o fotógrafo captura uma cena indiciária a partir de algo concreto(12) e este sempre estará ligado ao passado. No segundo momento, o assunto representado será explícito na imagem, “é esse aspecto visível a realidade exterior da imagem, tornada documento” (KOSSOY, 2000, p. 37). O segundo momento será fundamental para a definição de como essa representação vai ser exposta, assumindo seus limites e características visíveis.

Para que um fotógrafo/antropólogo consiga, no momento da primeira realidade, fazer uma foto que capte as singularidades de um determinado assunto, ele deve instrumentalizar o seu olhar(13) (DANTAS, 2011) - existe todo um conhecimento que os fotógrafos devem estudar antes de ir a campo com uma câmera afim de fazer fotografias. Isto não quer dizer que ele deve ir a campo com ideias prontas, com teorias pré-concebidas, ao contrário, o estudo e a instrumentalização deve lhe servir como um guia de abertura para as diversas possibilidades. Sem isso, se o seu operador

---

11 As informações contidas nesse ensaio sobre o Museu podem ser encontradas em <http://www.museudagentesergipana.com.br/web/>.

12 Entende-se que só é possível fotografar objetos concretos e pessoas: tem que existir de forma concreta para ser fotografado.

13 O texto etnográfico é baseado em uma narrativa, o mesmo vale para um conjunto de imagens.

A representação pode ser um conhecimento compartilhado, dividido e incorporado, em um sistema de trocas entre observador e observado(14.) E quando essas trocas forem bem aceitas, o fotógrafo/antropólogo vai poder perceber a primeira realidade de uma forma mais plena. Para o alcance dessa percepção compartilhada, o trabalho de campo pode durar anos e anos, como no caso de Claudia Andujar, que recebeu uma bolsa de estudo da Fundação Guggenheim, na década de 1970, para fotografar os Yanomamis. A fotógrafa colocou a seguinte questão:

“Nunca publiquei nada dos dois primeiros anos que convivi com os Yanomami. Até hoje, isto está guardado. Tenho as fotos, mas eu não uso. Porque acho que não representam a alma deles. Eu sempre busquei a alma deles. No fundo, era sempre o que eu buscava. Como eles merecem... (ANDUJAR, forum latino Americano de fotografia (2010).

O esforço de Andujar em fotografar a alma dos índios, levou ela a produzir um dos ensaios mais belos sobre os Yanomamis, se não o mais belo de todos. Ela fez imagens que partiam de um conhecimento compartilhado, a primeira realidade da imagem foi feita com muita propriedade pela fotógrafa, que optou por uma fotografia simbólica dos índios. Ela trouxe a possibilidade de uma experiência com o invisível, quando fotografou os caciques iluminados com luzes estouradas e cintilantes, durante os rituais de feitiçaria. Quando ela o fez, nos permitiu ter o contato com a representação dos yanomamis se relacionando com os espíritos, o jogo de luz nas fotografias impressas possibilitam a magia de segunda ordem (FLUSSER, 1998).

Nesta direção, Fernando de Tacca (2011) lança luz sobre a ideia de Flusser de uma magia de segunda ordem:

“O referente não é aderido à imagem fotográfica pelo fato de ser uma construção simbólica; perde sua carga mítica original descontextualizando o evento religioso, para transformar-se em outra magia, uma magia contemporânea que não se propõe a modificar o mundo e sim nossos conceitos sobre ele.”

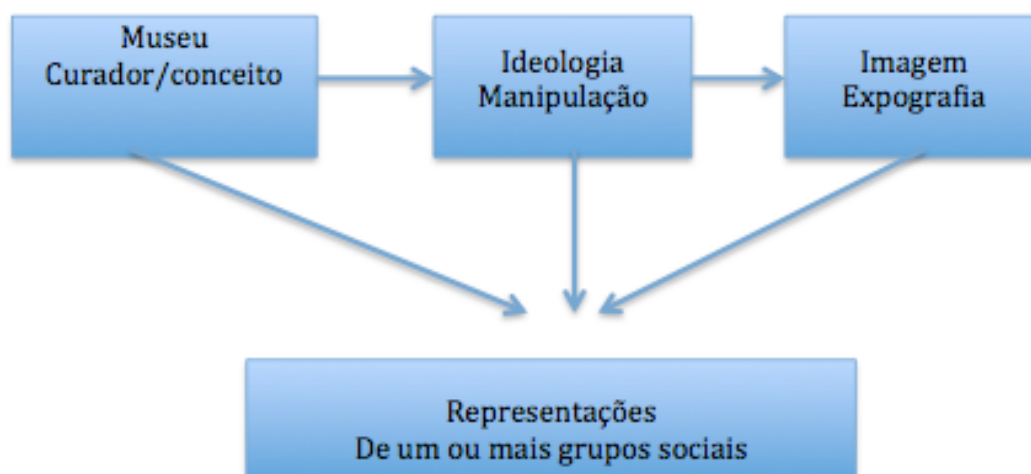
O caso de Andujar remete a uma representação teatral da realidade, o que se tratando de fotografia é bem interessante, porque essa manipula a realidade a serviço das diferentes ideologias.

---

14 “Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (JODELET, 1989, p. 36)

O então caminho da representação leva `a ideologia e manipulação da realidade. Por mais que o fotógrafo pesquisador tente não interferir no assunto fotografado, ele sempre vai manipula-lo. É inerente ao fazer fotográfico a transformação daquilo que está sendo fotografado em algo novo, e nesse princípio reside o binômio indivisível entre criação/documento (KOSSOY, 2000).

Um processo semelhante acontece com a montagem de um museu, quando o curador define o conceito da exposição, ele está lançando uma ideologia, pela imagem, para representar um grupo social, como no caso do Museu da Gente Sergipana. Então temos:

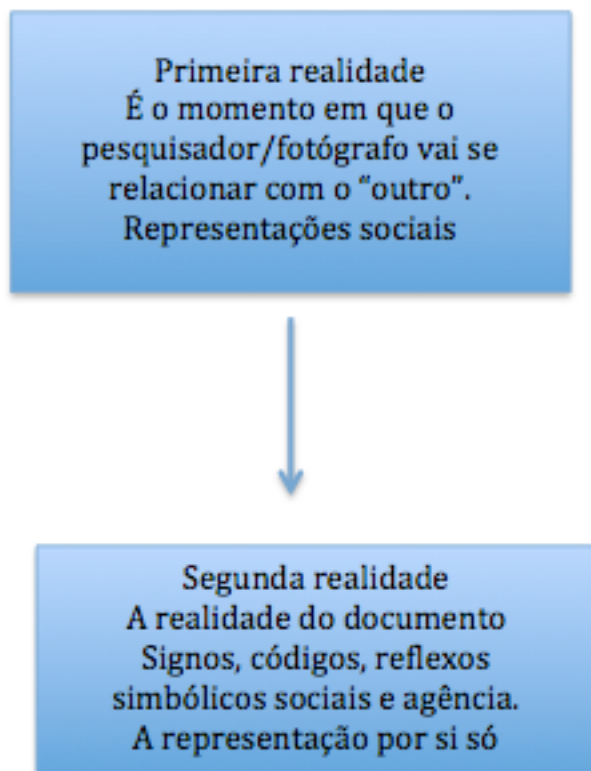


A compreensão do processo que envolve a representação é fundamental que passe por um entendimento, para que curadores/fotógrafos possam tentar evitar de querer impor suas teorias formadas ou do seu ponto de vista etnocêntricos. Como estamos tratando de fotografia, devemos entender que os conceitos desenvolvidos no texto partem de dois princípios: o que envolve a primeira realidade, com conceito de representação social da psicologia(15); e os da segunda realidade, que é a realidade do documento, com conceitos das ciências sociais. A segunda realidade é composta por um conjunto de convenções e códigos e de modo algum a sua forma é ditada somente pela coisa representada; ela também reflete todo o simbolismo dos processos sociais e por último ela possui um sentido de agência(16). A representação "é uma coisa por si só, não uma mera substituta para coisa não vista, a coisa representada" (BANKS, 2009, p. 31).

---

15 Ver nota 14.

16 Entende-se por agência a capacidade de uma pessoa de agir sobre a outra e sobre si mesma (BANKS,



O documento fotográfico vai ser fruto desses dois processos e, mesmo realizados com todos os critérios éticos que levam a uma excelência, podem não ser encarados pelo “outro” como sendo a sua representação. Deve o fotógrafo/antropólogo refletir junto com aquele que foi representado quais são aquelas representações que condizem com ele. Assim, pode ficar mais fácil de evitar excessos de subjetivismos, ceticismos ou mesmo análises prepotentes sobre o que seria a representação do “outro”.

O Museu da Gente Sergipana poderia ter assumido essa postura de se relacionar com as pessoas, convidar a sociedade para construção da expografia(17), afim de evitar que as representações sejam meras imposições teóricas equivocadas da sociedade. O caminho do pesquisador pode ser muito longo até que consiga de fato que sua etnografia seja aceita como representação, Adujar conseguiu que os Yanomamis se relacionassem com suas fotos décadas após o início do seu envolvimento com eles(18).

---

2009).

17 Existe um exemplo de construção expográfica junto com a sociedade no Museu da Abolição-MAB em Recife/PE. Em 2010, a sociedade se reuniu com a direção do Museu. No primeiro momento pensaram o conceito e no segundo momento a exposição foi montada, num projeto do museólogo Adolfo Nobre que em 2010 era o então diretor do Museu.

18 Durante o Forum Latino Americano de fotografia, 2010, em São Paulo, Claudia Andujar disse que quando fez sobreposições de fotografias de elementos da natureza com retratos de índios, foi que os Yanomamis deram atenção ` as fotos: “eles conversavam com a imagem” e ela ainda completou: “antes disso eu mostrava as fotos e eles não davam importancia.”

A tecnologia pode ser uma importante aliada para o fotógrafo/antropólogo, se for levado em consideração as facilidades e mobilidades oferecidas pelos diversos equipamentos usados na aplicação de metodologias etnográficas. A câmera fotográfica digital pode mostrar a qualquer pessoa a foto na hora, observador e observado podem conversar sobre as imagens na hora.

O fotógrafo José Roberto Ripper, quando fez um trabalho com mulheres marginalizadas pela prática do aborto, optava por baixar as fotos no computador e ao lado delas perguntar quais imagens deveria se deletadas(19). Assim, Ripper, na segunda realidade, aquela que se refere ao documento, usava os recursos tecnológicos como ferramentas que auxiliavam uma possível alteridade. Mais uma vez podemos ver com exemplos que o Museu da Gente Sergipana se equivocou até na hora da utilização da tecnologia, que nesse caso foi empregada não como ferramenta de interação e potencializadora de um diálogo horizontal, mas sim como peça de convicção.

Neste sentido, Machado de Assis consegue, através de sua poesia, sintetizar relações sociais com sutileza e delicadeza, expressando o espírito imperialista do homem:

“Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. (...) ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.”

O interessante nessa poesia que o autor intitula “Teoria do Humanitismo” é que ele, com ironia, mostra o caráter flexível das coisas e como existem possibilidades em representar os sentimentos, as relações ou mesmo a nós. O texto é o visível, a segunda realidade, que passará pelos filtros culturais e continuará a ser modificada e transposta sempre que alguém lê-lo. Os repertórios e os contratos sociais estabelecidos entre observador e observado são chaves que ligam pontes entre o visível e o invisível e garantem a qualidade da representação, mesmo quando ela tem um caráter teatral como na poesia de Machado de Assis.

Existe no pano de fundo dessa discursão, um fator ideológico fundamental entre as metas pesquisador com a condição do pesquisado, principalmente se representar for encarado como um ato político(TAGG, 1998). Os jogos de poder

---

19 Ver comentário do trabalho de Ripper no <http://www.olhave.com.br/blog/?p=479>

que envolvem as relações sociais devem ser levados em conta, para que o pesquisador não usufrua de um produto em seu único benefício, seja ele acadêmico, artístico ou profissional. A horizontalidade da representação reside antes de mais nada em uma troca, como disse Mauss “ Uma parte considerável de nossa moral e de nossa própria vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam.” (MAUSS, 2003 p.294).

## **6. Conclusão.**

No ano de 2010, tive duas experiências com um projeto chamado “Museu Múltiplo (20)” que era a instalação simbólica do Museu do Homem do Nordeste (21) no Terreiro de Candomblé Ilé Axé Ijexá Orixá Olufan a na Colônia Penal Feminina do Bom Pastor. Uma proposta de Museologia social que antes de ser implantada foi discutida com os integrantes e líderes do terreiro e do presídio, eles aceitaram participar e não só concordaram mais decidiram juntos com a coordenação do Museu como deveria acontecer. O Museu foi oficialmente instalado no terreiro e no presídio, assim esses espaços incorporam o acervo existentes no Museu(22)e simbolicamente se tornaram por alguns meses o Museu do Homem do Nordeste. Então tudo que fazia parte do terreiro passou a fazer parte da representação do Museu, o que ajuda a identificar a identidade daquele grupo que incorpora e aceita uma proposta. Mesmo assim vale colocar que esse processo não interpreta a identidade, como o Museu da Gente Sergipana ousadamente se propõe. E que essa ideia de museologia não seja considerada ideal como modelo, mais sim uma tentativa humilde de estabelecer uma relação minimamente horizontal entre observado e observador, entre ideologia e representação. Nesse mesmo caminho temos o Museu da Abolição(23) como citado que também se propõe a construir um processo de representação baseado na troca entre seus dirigentes e sua população.

A fotografia(24) no projeto Museu Múltiplo da Colônia Penal Bom Pastor quando foi feita pelas presidiárias para serem colocadas na exposição do Museu, mostrou ou melhor comunicou o que elas queriam mostrar e como elas enxergavam a realidade do lugar onde viviam. Esse caso nos coloca diante dos objetivos que regem política e ideologicamente as representações – o objetivo pode

---

20 Projeto da Dra. Antropóloga Ciema Silva de Mello.

21 Museu do Homem do Nordeste da Fundação Joaquim Nabuco/FUNDAJ em Recife-PE.

22 Foi colocado tanto no presídio como no terreiro, fotos do acervo do Museu do Homem do Nordeste, para que tanto as imagens do acervo como o espaço se misturassem e formassem a exposição

23 Ver nota 17.

24 Durante o Projeto Museu Múltiplo as presidiárias foram consultadas para decidirem que oficina queriam fazer, elas escolherem fotografia e o produto da oficina seria exposto no presídio durante o período que o Museu simbolicamente estivesse instalado no bom pastor

vir do observador ou do observado o que cabe é pensar qual desses objetivos, ou se o conjunto dos objetivos é que é o caminho para construção de uma representação de um grupo social. Isso vale para o Museu e para o fotógrafo/antropólogo que tanto na construção narrativa visual, como ao fazer uma única foto, passará pelo dilema das escolhas e da intenção. E nesse momento de negociações e acordos o fotógrafo/antropólogo e a instituição seja ela qual for deve está ciente que passado e presente se completam, unindo-se, e que nunca ficam estável, pelo contrario ele muda constantemente em uma metamorfose ambulante.

A pluralidade é que vai indicar a natureza teórica das representações sociais, sempre vistas de uma forma aberta e flexível, por acreditar nisso, espero que o Museu da Gente Sergipana mude o seu conceito, na tentativa de abarcar um recorte que dialogue com a representação do sergipano. Assumindo uma postura de humildade o Museu estabelecer um dialogo de partida, e quem sabe pratique uma salvaguarda cultural (25).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACHUTT, L.E.R. Fotoetnografia da biblioteca jardim, Ed. UFRGS/Tomo editorial, 2004.

ACHUTT, L.E.R. Fotoetnografia: a profundidade de campo no trabalho de campo e outras questões de ordem técnicas. 1997. Anais...Fortaleza, 1997.

ANDUJAR, C. A vulnerabilidade do ser. São Paulo. Cosacnaify, 2005

BANKS, M. Dados visuais. Ed. ARTMED. 2008

CLAUDIA, A. Yanomamis. São Paulo: Ed. DBA, 1998

DANTAS, E. A Construção do olhar do fotógrafo em pesquisas de ciências sociais. Revista Pense Direito. Volume 4 - número 6 - Dezembro - 2011

FLUSSER, V. Filosofia da caixa preta. Hucitec, uma filosofia da tecnica. Lisboa: Relógio d' água, 1998.

FONSECA C., CARDARELLO A., GODOLPHIM N., ROSA R., In desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais (Bela Feldman-Bianco e Miriam L. Moreira Leite, orgs.) Campinas (SP): Papirus, 1998.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDMAN, M. Como Funciona a Democracia: uma teoria etnográfica da politica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006

---

25 A ideia é que a cultura do passado tem como se manter, continua viva, mais interagindo com a do presente.

HALL, S. Quem precisa da identidade? in. SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) HALL, S. Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JODELET, D. Représentations sociales: um domaine em expansion. In: JODELET, D. (Org.) Les Représentations Sociales. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.

KOSSOY, B. Realidades e ficções na trama fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac e Naify, 2003

PEIRANO, Mariza G. S. A legitimidade do folclore. In: Seminário Folclore e Cultura Popular: as muitas faces de um debate. Rio de Janeiro: Funarte, 1992: 85-8.

ROUILLÉ, A. A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2009.

SAID, E. Orientalism. New York: Random House, 1979.

TACCA, F. O índio na fotografia brasileira: incursões sobre a imagem e o meio. IMAGENS. v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.191-223

TAGG. J. El peso de la representación: ensayos sobre fotografías e historias. Barcelona. Editorial Gustavo Gili, SA, 2005.